

Aula 4 – Teoria Pós-Colonial e as Literaturas de Resistência



Imagine-se em uma biblioteca repleta de histórias, mas perceba que a maioria delas foi escrita por um grupo específico de pessoas, de um determinado lugar do mundo. E se houvesse outras vozes, outras perspectivas, que foram silenciadas ou marginalizadas por séculos? É exatamente essa a provocação da Teoria Pós-Colonial, um campo de estudo que nos convida a reavaliar a forma como entendemos a literatura, a história e as relações de poder.

Nesta aula, vamos embarcar em uma jornada para desvendar como o passado colonial ainda ecoa em nossas sociedades e, principalmente, como a literatura se tornou um poderoso campo de resistência e redefinição de identidades. Não se trata apenas de estudar textos antigos, mas de compreender as raízes de muitos dos desafios e das riquezas culturais que vivenciamos hoje. Ao final, você será capaz de identificar os conceitos-chave da Teoria Pós-Colonial, analisar como as literaturas de diversas regiões do mundo desafiam o cânone eurocêntrico e reconhecer a importância dessas narrativas para a construção de um olhar mais plural e crítico sobre o mundo.

Prepare-se para expandir seus horizontes e descobrir como a literatura pode ser uma ferramenta de descolonização do pensamento.

O Legado do Colonialismo e a Necessidade de Outras Vozes



Mapas Redesenhados

Fronteiras impostas que moldaram nações



Línguas Impostas

Idiomas coloniais substituindo línguas nativas



Histórias Contadas

Narrativas dominantes que silenciaram outras vozes

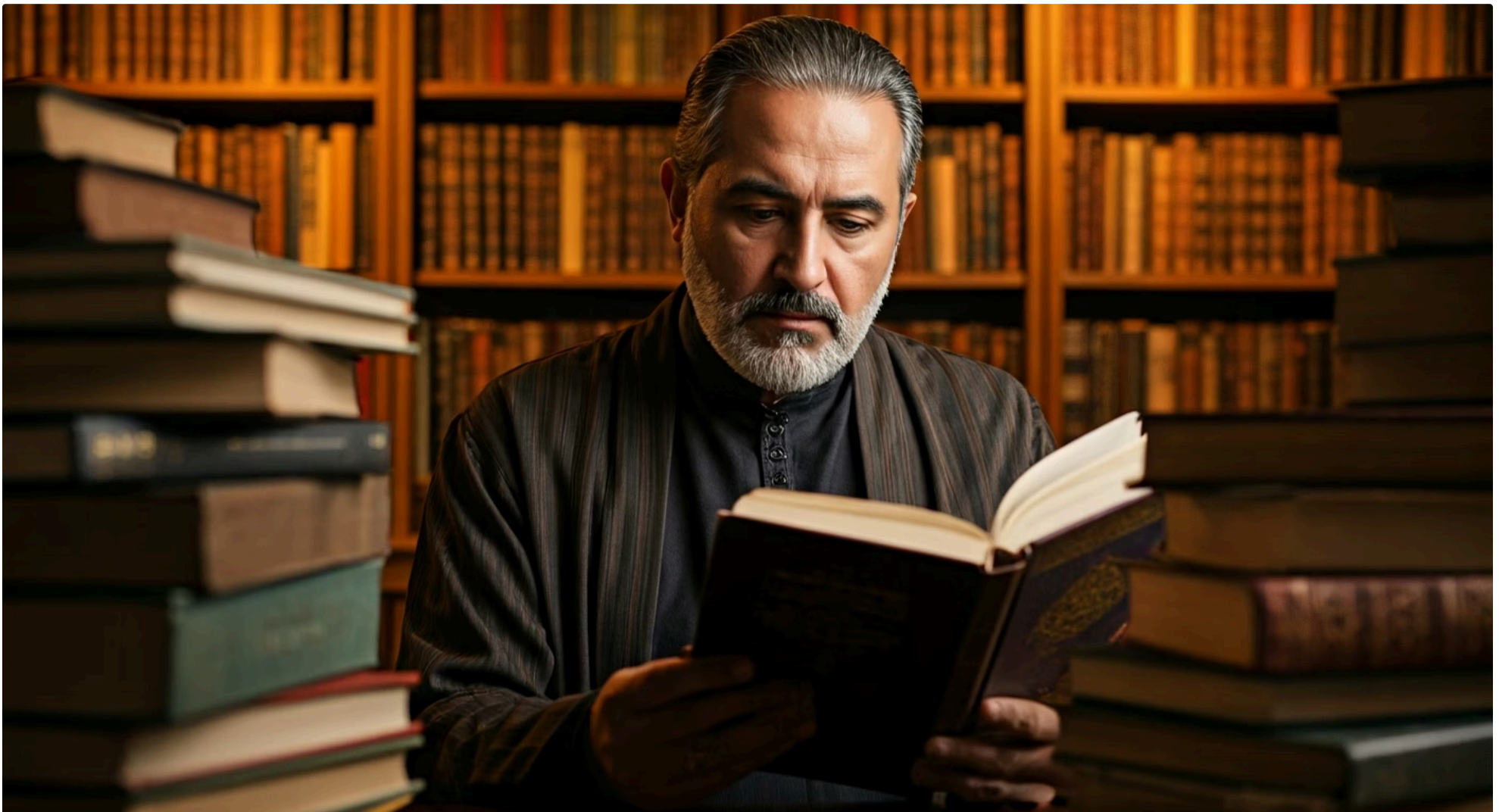
Para começar nossa conversa sobre Teoria Pós-Colonial, precisamos primeiro reconhecer que o colonialismo não foi apenas um evento histórico distante. Ele é um processo complexo que moldou profundamente as estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais de grande parte do mundo, e suas consequências persistem até hoje. Pense em como os mapas foram desenhados, as línguas impostas, as religiões difundidas e as histórias contadas – tudo isso, em grande medida, foi influenciado pela lógica colonial.

Essa herança não se restringe apenas aos países que foram colonizados; ela também afeta a forma como os países colonizadores se veem e se relacionam com o resto do mundo. A Teoria Pós-Colonial surge justamente para questionar essa narrativa dominante, para desenterrar as vozes que foram abafadas e para analisar como o poder e o conhecimento foram construídos e distribuídos de maneira desigual. É um convite para olhar além do que nos foi ensinado e buscar outras perspectivas.

Reflexão: É como se tivéssemos um grande quebra-cabeça da história mundial, mas algumas peças foram propositalmente escondidas ou distorcidas. A Teoria Pós-Colonial nos dá as ferramentas para encontrar essas peças perdidas e remontar o quadro de uma forma mais completa e honesta.

Ela nos ajuda a entender que a "verdade" muitas vezes é uma construção de quem detém o poder de narrar.

Edward Said e o Orientalismo: Desvendando o "Outro"



Edward Said

Orientalismo (1978)

Um dos pilares da Teoria Pós-Colonial

Um dos pilares da Teoria Pós-Colonial é o trabalho de Edward Said, especialmente seu livro seminal "Orientalismo", publicado em 1978. Said nos convida a refletir sobre como o Ocidente construiu uma imagem do "Oriente" que, longe de ser uma representação fiel, era uma projeção de seus próprios desejos, medos e fantasias. Essa construção não era inocente; ela servia para justificar a dominação colonial e a superioridade europeia.



Ocidente Observa

Cria representações do "Oriente"



Espelho Distorcido

Projeta fantasias e estereótipos



Justifica Dominação

Legitima superioridade e controle

O Orientalismo, para Said, não é apenas um campo de estudo acadêmico sobre o Oriente, mas um discurso de poder. É um sistema de representação que cria uma distinção fundamental entre "nós" (o Ocidente civilizado, racional) e "eles" (o Oriente exótico, místico, irracional, atrasado). Essa dicotomia permitia que o Ocidente se definisse em oposição ao Oriente, reforçando sua própria identidade e legitimando sua intervenção e controle.

Pense nisso como um espelho distorcido: o Ocidente olhava para o Oriente e via não o que ele realmente era, mas uma imagem que convenientemente reforçava a ideia de que o Ocidente era o centro do mundo, o modelo a ser seguido. Essa imagem era tão poderosa que até mesmo os próprios povos do Oriente, por vezes, internalizavam essa visão distorcida de si mesmos.

Orientalismo na Prática: Como a Literatura Reflete e Perpetua Estereótipos

A influência do Orientalismo de Said é vasta, e sua aplicação na análise literária é crucial. Muitos romances, poemas e peças teatrais produzidos no Ocidente, especialmente durante os séculos XVIII e XIX, retratavam o Oriente de uma maneira que reforçava os estereótipos orientalistas. Personagens "orientais" eram frequentemente descritos como sensuais, preguiçosos, cruéis ou ingênuos, sempre em contraste com a racionalidade e a moralidade ocidentais.

Impacto Real

Essas representações não eram meras ficções; elas tinham um impacto real na percepção pública e na política. Ao pintar o Oriente como um lugar que precisava ser "civilizado" ou "resgatado", a literatura contribuía para legitimar a expansão colonial e a exploração de seus recursos. O "outro" era construído como inferior, justificando a intervenção.

Exemplos Literários

Um exemplo clássico pode ser encontrado em algumas obras de Rudyard Kipling, como "Kim", onde a Índia é retratada como um lugar misterioso e exótico, mas que, em última instância, precisa da ordem e da administração britânica. Ou em contos das "Mil e Uma Noites" traduzidos e adaptados para o Ocidente, que muitas vezes enfatizavam o exotismo e a sensualidade, em detrimento da complexidade cultural.

Literatura como Ferramenta

A literatura, nesse contexto, funcionava como uma ferramenta de colonização da imaginação.



Gayatri Spivak e a Voz Subalterna: Quem Pode Falar?

A Pergunta Central

Pode o subalterno falar?

Se Edward Said nos mostrou como o Ocidente construiu o "Oriente", Gayatri Chakravorty Spivak nos leva a uma questão ainda mais profunda: quem tem o direito e a capacidade de falar por aqueles que foram marginalizados e silenciados pelo colonialismo e por outras formas de opressão? Sua famosa pergunta, "Pode o subalterno falar?", desafia a própria ideia de representação e voz.

Gayatri Chakravorty Spivak

01

O Subalterno

Aquele que está abaixo na hierarquia social, econômica e política, sem acesso aos meios de produção de conhecimento e representação

02

O Problema

Não consegue "falar" no sentido de ser ouvido e compreendido dentro dos discursos dominantes

03

A Distorção

Mesmo quando tenta expressar sua experiência, sua voz é frequentemente filtrada, distorcida ou cooptada pelas estruturas de poder existentes

Spivak argumenta que o subalterno – aquele que está abaixo na hierarquia social, econômica e política, sem acesso aos meios de produção de conhecimento e representação – não consegue "falar" no sentido de ser ouvido e compreendido dentro dos discursos dominantes. Mesmo quando tenta expressar sua experiência, sua voz é frequentemente filtrada, distorcida ou cooptada pelas estruturas de poder existentes.

Essa perspectiva nos força a questionar a autoridade de quem escreve sobre o "outro" e a reconhecer que, muitas vezes, mesmo as tentativas bem-intencionadas de dar voz aos oprimidos podem acabar por reforçar as mesmas hierarquias que pretendem desmantelar. É um lembrete de que a representação não é um ato simples, mas um campo minado de poder e privilégio.

O Desafio da Subalternidade: Silêncio e Representação



A questão da subalternidade, como proposta por Spivak, é um desafio complexo para a análise literária e cultural. Ela nos faz pensar sobre os limites da empatia e da compreensão, e sobre a dificuldade de acessar as experiências de quem viveu sob opressão extrema. Como podemos, por exemplo, entender a dor de um camponês indiano sob o Raj Britânico se nossa única fonte são os registros dos colonizadores?

- ☐ **Metáfora:** É como se a voz existisse, mas o sistema auditivo dominante estivesse sintonizado em outra frequência.

Spivak não sugere que o subalterno seja incapaz de se comunicar, mas que sua fala não é reconhecida como "discurso" dentro das estruturas de poder. É como se a voz existisse, mas o sistema auditivo dominante estivesse sintonizado em outra frequência. Isso nos leva a buscar formas alternativas de "ouvir" – através de fragmentos, silêncios, resistências veladas e, claro, nas literaturas que emergem dessas experiências.

Literatura de Resistência

Torna-se um espaço crucial onde as vozes subalternas podem, de alguma forma, se manifestar, mesmo que de maneira indireta ou simbólica.

Vislumbre de Realidades

Oferece um vislumbre das realidades e perspectivas que foram sistematicamente apagadas da história oficial.

Desafio à Hegemonia

Desafia a hegemonia narrativa e abre caminho para novas formas de representação e reconhecimento.

A literatura de resistência, nesse sentido, torna-se um espaço crucial onde as vozes subalternas podem, de alguma forma, se manifestar, mesmo que de maneira indireta ou simbólica. Ela oferece um vislumbre das realidades e perspectivas que foram sistematicamente apagadas da história oficial, desafiando a hegemonia narrativa e abrindo caminho para novas formas de representação e reconhecimento.

Homi Bhabha e o Hibridismo: Entre Mundos

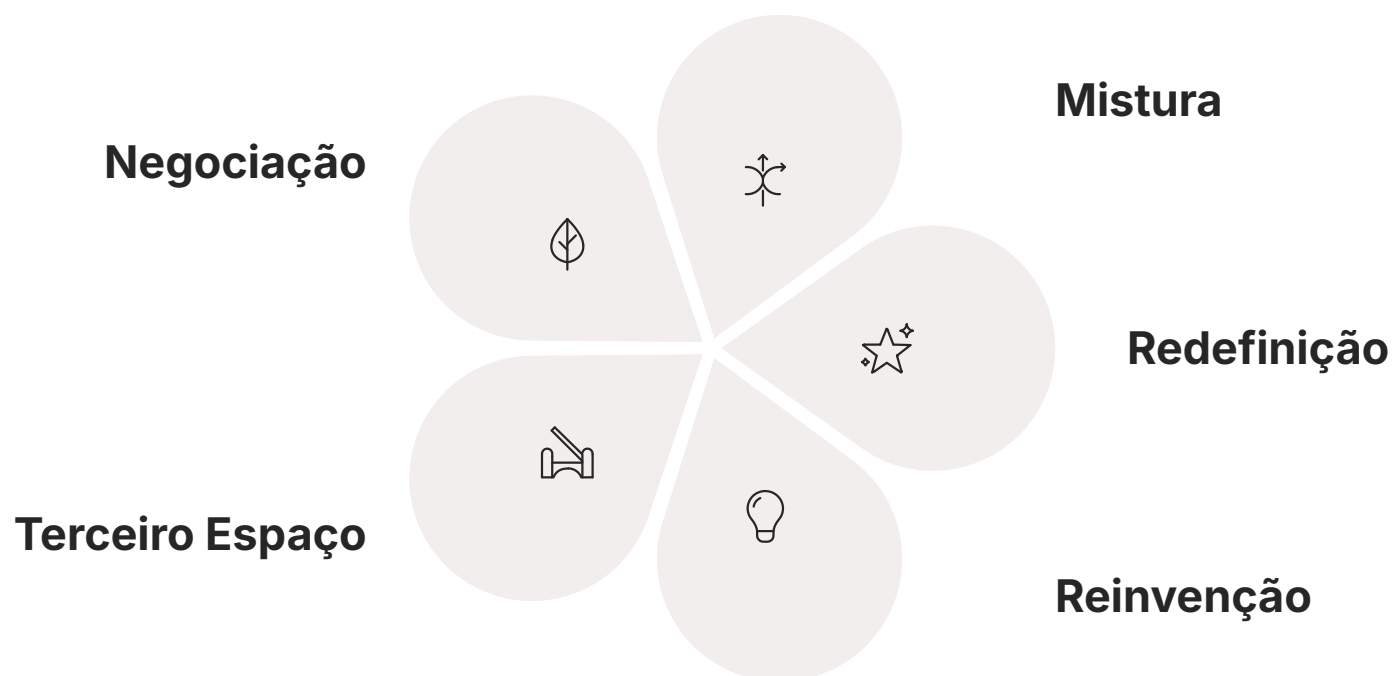
Homi K. Bhabha

O Terceiro Espaço

Um local de negociação e mistura cultural

Depois de Said nos mostrar a construção do "outro" e Spivak nos alertar sobre o silenciamento do subalterno, Homi K. Bhabha nos oferece uma perspectiva mais fluida e complexa sobre as identidades pós-coloniais: o hibridismo.

Bhabha argumenta que o encontro entre colonizador e colonizado não resulta em uma simples assimilação ou oposição, mas em um "terceiro espaço" de negociação e mistura cultural.



O hibridismo não é apenas uma fusão de culturas, mas um processo contínuo de redefinição e reinvenção. É nesse espaço ambivalente que novas identidades, linguagens e formas culturais emergem, desafiando as categorias binárias e rígidas impostas pelo colonialismo. Bhabha vê esse "terceiro espaço" como um local de potência, onde a autoridade colonial é subvertida e novas possibilidades de agência são criadas.

- 📄 **Analogia:** Pense em uma planta que nasce em um terreno onde duas espécies diferentes se encontram. Ela não é exatamente uma nem outra, mas uma nova forma que carrega traços de ambas, adaptada ao seu ambiente único. Da mesma forma, as culturas pós-coloniais não são meras cópias do colonizador nem puramente "originais"; elas são o resultado de uma complexa interação e negociação.

A Riqueza do Híbrido: Novas Identidades e Expressões Culturais

O conceito de hibridismo de Bhabha é particularmente útil para entender as literaturas pós-coloniais. Muitos escritores dessas regiões não se encaixam perfeitamente em uma única identidade cultural; eles transitam entre línguas, tradições e modos de pensar. Essa "dupla pertença" ou "múltipla pertença" não é uma fraqueza, mas uma fonte de criatividade e inovação.



Deslocamento

Exploração de temas de deslocamento e diáspora



Identidade Fragmentada

Busca por um lar que talvez nunca seja totalmente encontrado



Mistura de Línguas

Incorporação de elementos de diferentes tradições orais e escritas



Desafio de Gêneros

Desafio às fronteiras entre gêneros literários

A literatura híbrida muitas vezes explora temas de deslocamento, diáspora, identidade fragmentada e a busca por um lar que talvez nunca seja totalmente encontrado. Ela pode misturar línguas, incorporar elementos de diferentes tradições orais e escritas, e desafiar as fronteiras entre gêneros literários. É uma literatura que reflete a complexidade do mundo pós-colonial, onde as culturas estão em constante diálogo e transformação.

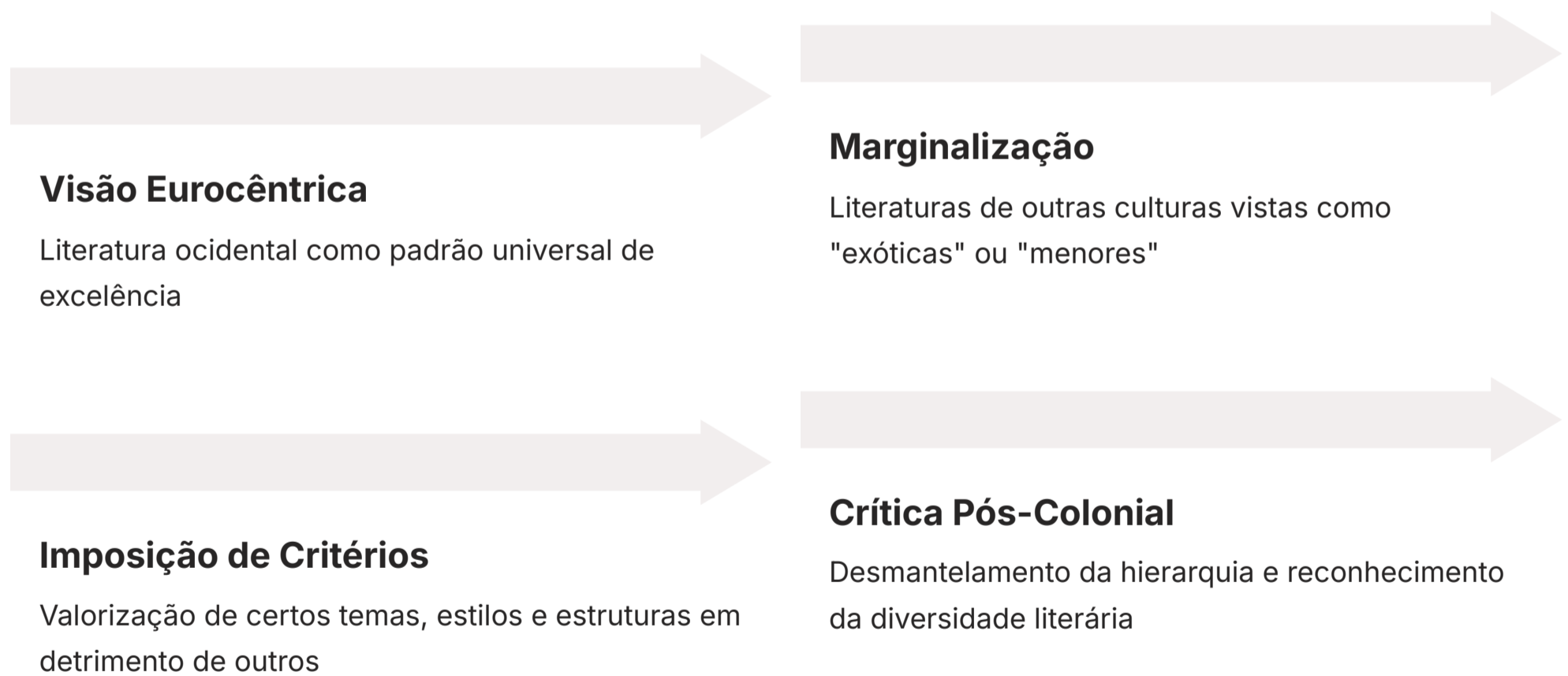
Um exemplo notável é a obra de Salman Rushdie, que frequentemente mistura elementos da cultura indiana e britânica, do realismo e do fantástico, criando narrativas que são intrinsecamente híbridas. Essa abordagem permite que ele explore as tensões e as riquezas de identidades que foram moldadas por encontros coloniais e pós-coloniais, oferecendo uma visão multifacetada da experiência humana.

Conceito	Âmbito/Aplicação	Base/Origem	Exemplo
Orientalismo	Análise de representações ocidentais do "Oriente"	Edward Said (1978)	Retratos de personagens árabes em filmes de Hollywood como exóticos ou terroristas.
Subalternidade	Estudo das vozes e experiências marginalizadas	Gayatri Spivak (1988)	A dificuldade de camponeses sem-terra terem suas demandas ouvidas em debates políticos nacionais.
Hibridismo	Análise de identidades e culturas mistas	Homi K. Bhabha (1994)	A culinária "fusion" que combina ingredientes e técnicas de diferentes tradições gastronômicas.

A Crítica ao Cânone Eurocêntrico: Desconstruindo Paradigmas



Compreender os conceitos de Orientalismo, subalternidade e hibridismo nos prepara para um dos objetivos centrais da Teoria Pós-Colonial: a crítica ao cânone eurocêntrico. Por muito tempo, a literatura ocidental, especialmente a europeia, foi considerada o padrão universal de excelência, e as obras de outras culturas eram frequentemente vistas como "exóticas" ou "menores", se é que eram consideradas.



Essa visão eurocêntrica não apenas marginalizou literaturas riquíssimas de outras partes do mundo, mas também impôs uma forma específica de ler e interpretar textos. Ela valorizava certos temas, estilos e estruturas narrativas em detrimento de outros, perpetuando a ideia de que a experiência europeia era a norma e as demais, desvios. A crítica pós-colonial busca dismantlar essa hierarquia, mostrando que a literatura é um campo vasto e diverso, com múltiplas tradições e valores estéticos.

☐ **Metáfora:** É como se tivéssemos uma única régua para medir a beleza de todas as flores do jardim. A crítica pós-colonial nos diz que cada flor tem sua própria beleza e que precisamos de diferentes critérios para apreciá-las em sua totalidade. Ela nos convida a expandir nosso repertório literário e a reconhecer a validade e a importância de todas as vozes, independentemente de sua origem geográfica ou cultural.

Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: Vozes de Descolonização



As literaturas africanas de língua portuguesa são um campo fértil para a Teoria Pós-Colonial, pois emergem de países que compartilham um passado colonial com Portugal e, após a independência, buscaram construir suas próprias identidades nacionais e literárias. Autores como Mia Couto (Moçambique), Pepetela (Angola) e Germano Almeida (Cabo Verde) são exemplos de como a escrita se tornou um ato de resistência e de redefinição cultural.

Memória da Colonização

Exploração do passado colonial e suas marcas

Guerra Civil

Narrativas sobre conflitos pós-independência

Identidade Pós-Independência

Busca por uma identidade nacional própria

Língua Portuguesa

Relação complexa com o idioma colonial

Culturas Locais

Valorização das tradições e cosmovisões africanas

Esses escritores frequentemente exploram temas como a memória da colonização, a guerra civil, a busca por uma identidade pós-independência, a relação com a língua portuguesa (que é ao mesmo tempo um legado colonial e um instrumento de expressão) e a valorização das culturas e tradições locais. Eles criam narrativas que misturam o real e o fantástico, o oral e o escrito, desafiando as convenções literárias ocidentais e forjando um estilo único.

Mia Couto: A obra de Mia Couto, por exemplo, é célebre por sua "moçambicanização" da língua portuguesa, criando neologismos e estruturas que refletem a oralidade e a cosmovisão africana. Ele nos mostra que a língua, mesmo sendo imposta, pode ser subvertida e transformada em um veículo para expressar uma realidade singular, descolonizando o próprio idioma.

Literaturas Caribenhas: Identidade e Diáspora

O Caribe

Um laboratório natural para o estudo do hibridismo e da formação de identidades pós-coloniais

- Colonização por diversas potências europeias
- Tráfico de escravos
- Migrações complexas
- Multiplicidade de línguas

O Caribe, com sua história complexa de colonização por diversas potências europeias, tráfico de escravos e migrações, é um laboratório natural para o estudo do hibridismo e da formação de identidades pós-coloniais. As literaturas caribenhas, escritas em línguas como o francês, inglês, espanhol e crioulos, refletem essa multiplicidade e a busca por uma voz própria em meio a um mosaico cultural.



Experiência da Diáspora

Narrativas sobre deslocamento e dispersão de povos



Memória da Escravidão

Exploração do trauma histórico e suas consequências



Entre Culturas

Complexidade de ser "entre" culturas e identidades

Autores como Aimé Césaire (Martinica), Édouard Glissant (Martinica) e Derek Walcott (Santa Lúcia) exploram a experiência da diáspora, a memória da escravidão, a relação com a terra natal e a complexidade de ser "entre" culturas. Eles frequentemente utilizam a metáfora do "arquipélago" para descrever a interconexão e a singularidade de cada ilha, e a "crioulização" como um processo contínuo de mistura e invenção cultural.

Derek Walcott: A poesia de Derek Walcott, por exemplo, é um diálogo constante entre as tradições literárias europeias e a paisagem, a história e a oralidade caribenhas. Ele demonstra como a identidade caribenha não é fixa, mas fluida, construída a partir de múltiplos legados e em constante transformação, desafiando a ideia de uma origem única e pura.

Literaturas Asiáticas: Entre Tradição e Modernidade Pós-Colonial



A Ásia, um continente vasto e diverso, também possui uma rica tradição literária que dialoga intensamente com as questões pós-coloniais. Países como Índia, Paquistão, Bangladesh, Sri Lanka e Filipinas, entre outros, têm produzido obras que questionam o legado colonial britânico, francês, holandês ou americano, e exploram as tensões entre tradição e modernidade, identidade nacional e globalização.



Autores como Salman Rushdie (Índia/Reino Unido), Arundhati Roy (Índia) e Mohsin Hamid (Paquistão) abordam temas como a partição da Índia, a corrupção política, a desigualdade social, o fundamentalismo religioso e a busca por um lugar no mundo pós-colonial. Eles frequentemente utilizam o inglês, a língua do colonizador, como um meio de expressão, subvertendo-o e infundindo-o com sensibilidades e ritmos locais.

- ❑ **Salman Rushdie:** A obra "Os Filhos da Meia-Noite" de Salman Rushdie é um exemplo magistral de como a literatura pode reescrever a história de uma nação, misturando fatos históricos com elementos fantásticos para narrar a complexa e muitas vezes dolorosa experiência da Índia pós-independência. É uma obra que encarna o hibridismo e a descolonização da narrativa histórica.

A Representação do "Outro": De Objeto a Sujeito



Discurso Colonial

O "outro" como objeto de estudo e dominação



Transformação

Processo de descolonização da representação



Literatura Pós-Colonial

O "outro" como sujeito complexo com agência e voz

Um dos maiores triunfos das literaturas de resistência é a transformação da representação do "outro". Se no discurso colonial o "outro" era frequentemente um objeto de estudo, de exotismo ou de dominação, nas literaturas pós-coloniais ele se torna um sujeito complexo, com agência, voz e uma rica vida interior. Essa mudança é fundamental para a descolonização do pensamento.

O que essas literaturas fazem:

- Recontam histórias de perspectivas diferentes
- Desafiam categorias e estereótipos impostos
- Mostram a humanidade plena dos povos colonizados
- Revelam lutas, amores, alegrias e tristezas
- Desmantelam imagens unidimensionais

Essas literaturas não apenas recontam histórias de uma perspectiva diferente, mas também desafiam as categorias e os estereótipos impostos pelo colonizador. Elas mostram a humanidade plena dos povos colonizados, suas lutas, seus amores, suas alegrias e suas tristezas, desmantelando a imagem unidimensional que lhes foi atribuída. É um processo de recuperação da dignidade e da subjetividade.

Reflexão: É como se, por séculos, o mundo tivesse visto essas culturas através de uma única lente, e agora, de repente, múltiplas lentes se abrem, revelando a profundidade e a diversidade que sempre estiveram ali. A literatura, nesse sentido, atua como um espelho que reflete a complexidade do "outro" e, ao mesmo tempo, permite que ele se veja e se reconheça em suas próprias narrativas.

Narrativas de Descolonização: Reescrituras e Reafirmações

Atos Políticos e Culturais

As narrativas de descolonização são mais do que apenas histórias; são atos políticos e culturais de reafirmação. Elas reescrevem a história a partir de perspectivas não-eurocêntricas, contestam a autoridade do colonizador e propõem novas formas de pensar sobre identidade, nação e pertencimento.

Recuperação de Saberes

Muitas vezes, isso envolve a recuperação de línguas nativas, mitologias e formas de conhecimento que foram suprimidas.

Invenção de Novas Formas

Essa reescritura não é um mero espelhamento invertido da narrativa colonial, mas uma invenção de novas formas de contar e de ser. Ela se conecta diretamente com a ascensão das "narrativas do eu", como a autoficção e a literatura de testemunho, que permitem que indivíduos e comunidades contem suas próprias histórias, validando suas experiências e desafiando as versões oficiais.

Campo Dinâmico e Vital

A literatura de resistência, portanto, é um campo dinâmico e vital que continua a evoluir, incorporando novas tendências e dialogando com outras áreas do conhecimento, como a sociologia, a psicanálise e os estudos culturais. Ela nos lembra que a luta pela descolonização é um processo contínuo, e que a arte tem um papel crucial na construção de um futuro mais justo e plural.

Consolidação e Próximos Passos

Chegamos ao fim de nossa jornada pela Teoria Pós-Colonial e as Literaturas de Resistência. Vimos como Edward Said desvendou o Orientalismo, a construção ocidental do "outro"; como Gayatri Spivak nos fez questionar a voz do subalterno; e como Homi Bhabha nos apresentou o hibridismo como um espaço de negociação e criação. Exploramos como essas teorias nos ajudam a criticar o cânone eurocêntrico e a valorizar as ricas literaturas africanas de língua portuguesa, caribenhas e asiáticas, que transformam o "outro" em sujeito e reescrevem a história.

- ☐ **Em prática:** Ao ler um texto, questione a perspectiva dominante. Pergunte-se: quem está falando? Quem está sendo representado e como? Quais vozes estão ausentes? Como a história seria contada por outro ponto de vista? Reconheça a complexidade das identidades culturais e a riqueza das narrativas que emergem dos encontros e desencontros históricos.

Autoavaliação

01

Qual dos seguintes conceitos, proposto por Edward Said, descreve a construção de uma imagem estereotipada e hierárquica do "Oriente" pelo Ocidente para justificar sua dominação? a) Hibridismo b) Subalternidade c) Orientalismo d) Crioulização

02

A pergunta "Pode o subalterno falar?", formulada por Gayatri Spivak, busca principalmente: a) Incentivar o subalterno a se expressar em línguas coloniais. b) Analisar a capacidade de comunicação de grupos marginalizados. c) Questionar a possibilidade de o subalterno ter sua voz reconhecida dentro das estruturas de poder dominantes. d) Promover a criação de novas formas de linguagem para o subalterno.

03

O conceito de hibridismo de Homi K. Bhabha refere-se a: a) A fusão completa de duas culturas em uma nova e homogênea. b) A coexistência pacífica de culturas sem qualquer interação. c) Um "terceiro espaço" de negociação e mistura cultural que desafia categorias binárias. d) A imposição de uma cultura sobre outra, resultando na anulação da cultura dominada.

04

As literaturas africanas de língua portuguesa, caribenhas e asiáticas são consideradas "de resistência" porque: a) Foram escritas exclusivamente em línguas nativas para evitar a influência colonial. b) Reafirmam o cânone literário europeu como modelo universal. c) Desafiam narrativas eurocêntricas, dão voz a experiências marginalizadas e redefinem identidades. d) São produzidas apenas por autores que nunca tiveram contato com a cultura colonial.

05

Discorra sobre como a Teoria Pós-Colonial, através dos conceitos de Orientalismo, Subalternidade e Hibridismo, contribui para uma compreensão mais crítica e plural da literatura e da história.

Gabarito

1

c) Orientalismo

2

c) Questionar a possibilidade de o subalterno ter sua voz reconhecida dentro das estruturas de poder dominantes.

3

c) Um "terceiro espaço" de negociação e mistura cultural que desafia categorias binárias.

4

c) Desafiam narrativas eurocêntricas, dão voz a experiências marginalizadas e redefinem identidades.

Próxima Aula

Na Aula 5, mergulharemos na **Crítica Literária Feminista e a Escrita de Mulheres**, explorando como o gênero molda a produção e a recepção literária, e como as vozes femininas têm desafiado estruturas patriarcais.

Recursos Adicionais

- **Livro:** Said, Edward W. *Orientalismo: A representação do Oriente em seu papel como invenção ocidental*. (Para aprofundar no conceito central).
- **Artigo:** Spivak, Gayatri Chakravorty. "Pode o subalterno falar?". (Leitura essencial para entender a questão da voz).
- **Documentário:** "The Act of Killing" (para refletir sobre narrativas e reescrita da história em contextos pós-coloniais).